

SIMPÓSIO 42

GRAMATICALIZAÇÃO E TEXTO: DESCRIÇÃO E APLICAÇÃO

Este simpósio objetiva reunir trabalhos de pesquisadores interessados em analisar processos de variação e mudança linguística em textos ou sequências textuais argumentativas. Para isso, partimos de uma concepção que considera a língua em uso e a gramática como um sistema (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) sujeito às pressões do uso e às necessidades comunicativas. O texto, verbal e escrito, é compreendido como instanciador do sistema linguístico e capaz de oferecer pistas concretas de processos de variação e mudança em curso na língua. Neste simpósio, tais processos serão vistos a partir dos pressupostos da gramaticalização, compreendida como a mudança pela qual itens e construções lexicais assumem em certos contextos linguísticos para desempenhar funções mais gramaticais, ou, quando já gramaticalizadas, continuam a desenvolver novas funções gramaticais (HOPPER; TRAUGOTT, 2003). Trata-se de um fenômeno que não ocorre com palavras isoladas, mas envolve toda a construção à sua volta (BYBEE, 2010). Espera-se que os trabalhos aqui apresentados evidenciem especialmente fenômenos de gramaticalização em textos ou sequências textuais escritas de base argumentativa. Tais considerações poderão ser abordadas a partir de duas perspectivas, complementares ou isoladas: a perspectiva descritiva e/ou a aplicada.

COORDENAÇÃO

Madalena Teixeira

Instituto Politécnico de Santarém/Universidade de Lisboa
madalena.dt@gmail.com

André Luiz Rauber

Universidade Federal do Mato Grosso
andrerauber@hotmail.com

A MULTIFUNCIONALIDADE DO ITEM *ATÉ* EM *BLOGS* BAIANOS: UM CASO DE GRAMATICALIZAÇÃO?

Geliane Fonseca ALVES (UESC)⁷⁷⁷
Gessilene Silveira KANTHACK (UESC)⁷⁷⁸

Resumo: Neste trabalho, investigamos se as diferentes funções desempenhadas pelo item *até*, em *blogs* baianos, configuram um caso de gramaticalização, um fenômeno relacionado a mudanças que ocorrem nas línguas. Constatamos que o *até* passa por um *continuum*, que vai da função de preposição com limite espacial para limite temporal, chegando à função de operador argumentativo, com valor de inclusão e de contraexpectativa, evidenciando a trajetória de abstratização proposta por Heine et al. (1991, *apud* GONÇALVES, 2007): ESPAÇO > TEMPO > TEXTO.

Palavras-chave: Gramaticalização. Gramática. Discurso

1. Introdução

O presente trabalho objetiva investigar a multifuncionalidade do item *até* em *blogs* baianos, com o propósito de verificar se as funções desempenhadas por tal item indiciam um caso de gramaticalização, fenômeno explicado pela Gramática Funcional como sendo um processo de mudança linguística, segundo o qual itens ou construções lexicais passam assumir funções gramaticais ou uma vez gramaticalizados continuam a desenvolver funções ainda mais gramaticais (HOPPER; TRAUGOTT, 2003).

A propósito de nosso corpus, *blogs* baianos, vale dizer que são textos em que os autores relatam seus pensamentos, desabafos e opiniões sobre temas diversos. A escolha do mesmo se justifica, uma vez que a maioria das pesquisas publicadas sobre gramaticalização utiliza, como corpus, textos de língua falada. Acreditando que a mudança atinge também a língua escrita, propomos a investigação no sentido de destacar que a mudança que atinge o item é decorrente dos usos variados que os falantes fazem deles em suas práticas comunicativas. Portanto, a escrita, mesmo sendo uma prática que se diferencie da modalidade oral, quanto às condições de produção, pode também manifestar reflexos das mudanças que atingem a língua falada.

Sobre a relevância da pesquisa, acreditamos que, a partir do momento que reconhecemos as funções variadas do item *até*, estaremos comprovando que os falantes são, de fato, os responsáveis pela dinamicidade da língua; afinal, são eles quem escolhem, dadas as intenções comunicativas, as formas linguísticas e, conseqüentemente, atribuem a elas as funções que lhes são convenientes durante o processo interacional. A pesquisa também se justifica porque visa contribuir diretamente com o ensino de gramática, especialmente no que toca à sintaxe e à semântica, possibilitando uma compreensão funcional dos usos das estruturas linguísticas produzidas pelos falantes. Também, vale ressaltar a contribuição que a mesma proporcionará aos estudos de gramaticalização no português brasileiro.

O artigo está estruturado assim: primeiro, abordamos sobre a gramaticalização, conceituando-a e apresentando alguns dos mecanismos que a caracterizam; segundo, sobre a

⁷⁷⁷ Aluna do Programa de Pós-graduação, Mestrado em Letras: Linguagens e Representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus-Bahia. E-mail: gellyalves@hotmail.com.

⁷⁷⁸ Doutora em Linguística, profa. Titular da Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus-Bahia. E-mail: gskanthack@yahoo.com.br

gramaticalização do item *até*, particularmente a nossa análise preliminar de dados; por fim, as considerações finais e as referências encerram o trabalho.

2. Gramaticalização

Dentre as várias temáticas pesquisadas por estudiosos que assumem pressupostos da corrente funcionalista, está a gramaticalização, um fenômeno compreendido como um processo através do qual itens ou construções lexicais passam, em determinados contextos, assumir funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais (HOPPER; TRAUGOTT, 2003). Esse tipo de fenômeno só pode ser entendido, segundo funcionalistas, se considerarmos efetivamente a língua em uso, pois é desse contexto que podemos captar a dinamicidade das estruturas usadas pelos indivíduos.

Segundo Neves (1997) e Gonçalves et al., (2007), os primeiros estudos sobre esse fenômeno foram desenvolvidos no século X, na China, por um escritor chamado ZhouBo-qi, da dinastia Yuan, que já falava na mudança de símbolos linguísticos plenos para signos linguísticos vazios. As pesquisas continuaram a se desenvolver no século XVII, com Tooke (na Inglaterra) que já argumentava: a língua é concreta em seu “estágio original” e itens abstratos derivam de itens concretos; também com Condillac e Rousseau (na França), que afirmavam que os lexemas concretos teriam originado tanto vocábulos abstratos quanto as complexidades gramaticais. No século XVIII, vieram Franz Bopp, Schlegel, e Gabelentz (na Alemanha) e Whitney (nos Estados Unidos), entre outros autores que foram aprimorando progressivamente as percepções dos seus precursores até chegar a Meillet (na França), no século XX. Foi através dos estudos desse francês, em 1912, com o trabalho denominado *L'“évolution des formes grammaticales*, que a gramaticalização ganhou sua primeira definição: atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma. Ele insistiu na ideia de continuum, bastante utilizada até os dias atuais, para expressar a transição de itens lexicais para auxiliares e outros morfemas com função gramatical, que passariam, nesse caso, a serem “palavras vazias”.

Essa passagem do léxico para gramática não ocorre rapidamente, mas, sim, através dos usos em diferentes contextos ao longo dos anos, e, por algum tempo, palavras ou expressões podem desempenhar tanto as funções mais concretas quanto as mais abstratas, até que estas últimas se sobreponham à primeira. Nas palavras de Hopper e Traugott (2003), esse tipo de mudança não se manifesta abruptamente, mas através de uma série de pequenas transições, chamadas de cline, em que os itens “caminham” em direção à abstratização. O cline se constitui, historicamente, num caminho natural através do qual as formas se desenvolvem. Numa perspectiva sincrônica, o cline pode ser considerado como um continuum, representado por uma linha imaginária em que numa extremidade pode estar uma forma completa de característica “lexical” e, na outra, uma forma compactada e reduzida, “gramatical”.

A ideia de *continuum* foi apresentada por Meillet e retomada por alguns autores para explicar os deslizamentos semânticos, como a passagem de um valor temporal a causal (TRAUGOTT; KÖNIG, 1991) ou de um valor volitivo a um de futuridade (HOPPER; TRAUGOTT, 1993) ou, ainda, de um valor modal a um comparativo (BISANG, 1998), (apud GONÇALVES, 2007). É com base na ideia do continuum que Heine et al., (1991, apud GONÇALVES et al., 2007) apresentam uma ordenação de categorias cognitivas, que indica o processo de abstratização pelo qual as formas da língua podem se submeter:

pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade

Essa ordem caracteriza o sentido unidirecional do processo, indicando que as mudanças são operadas “sempre” da esquerda para a direita e, nesse caso, de categorias

cognitivas mais próximas do indivíduo, [+ concretas], para categorias cognitivas mais distantes do indivíduo, [- concretas] ou [+ abstratas]. Assim, pode-se dizer que o trajeto em direção ao deslizamento semântico, o qual essas estruturas gramaticais percorrem, de forma unidirecional, começa sempre com o elemento da esquerda (+concreto) em direção ao elemento da direita (+abstrato). Quanto a essa trajetória de abstratização, Gonçalves et al., (2007) postulam que “existe uma relação entre dois estágios A e B, tal que A ocorre antes de B, mas não o inverso.” E acrescenta que a unidirecionalidade, metaforicamente falando, seria como “um bisturi que recorta um tipo específico de mudança, a qual promove o rebaixamento de categoria de um elemento, rumo a uma estrutura mais gramatical, e nunca o contrário” (p. 41). Com esse postulado, fica claro que nem toda mudança pode ser identificada como gramaticalização, mas toda gramaticalização, necessariamente, pressupõe estágios de mudança.

Dentre os mecanismos que favorecem a gramaticalização está a pressão por informatividade e a metáfora. O primeiro ocorre quando em alguns contextos, por um processo de inferência conversacional, um determinado item linguístico é empregado com um novo valor, ou seja, o falante aplica uma nova função a partir de uma já existente (MARTELOTTA, 1993). E o segundo, conforme Gonçalves et al., (2007, p.42), associado a processos de (des)semantização, “envolve a abstratização de significados, os quais de domínio lexicais ou menos gramaticais são estendidos metaforicamente para mapear conceitos de domínios gramaticais ou mais gramaticais”.

Assim, a metáfora mencionada aqui difere daquela classificada pela gramática normativa como figura de linguagem. Na perspectiva funcional, a metáfora é um mecanismo que permite formar novas expressões, novos sentidos em novos contextos por meio da extensão de significados, isto é, trata-se de uma metáfora emergente, a qual tem como origem uma natureza categorial, promovendo a gramaticalização, e atuando por meio de motivações de mudança (HEINE et al., 1991 *apud* GONÇALVES et al., 2007). Dentre essas motivações, estão a reanálise e a frequência de uso.

A primeira tem como característica principal reorganizar a estrutura do enunciado e reinterpretar os elementos que o compõem, de maneira gradual, levando à criação de novas formas gramaticais que são desenvolvidas a partir das antigas. Trata-se de uma mudança de percepção em relação ao modo como os elementos estão ordenados, no eixo sintagmático. É o caso, por exemplo, do verbo *amar* na formação do futuro do presente no português. Inicialmente, a construção era *amar hei* e, devido a uma reorganização estrutural, a partícula *hei* sofreu redução fonética e se fixou ao verbo, dando origem à forma *amarei*. É preciso lembrar, entretanto, que as mudanças não param por aí, visto que o *amarei*, atualmente, concorre com uma nova perífrase, a forma de futuro *vou amar* (CEZARIO, 2012).

A segunda motivação, a frequência de uso, leva à automatização das formas as quais podem assumir novas funções e sentidos em novos contextos. É o que acontece com o aumento da frequência de uso do verbo *ir* + infinitivo, no português brasileiro, em que o *ir* passa a ser empregado como marcador de futuro, à medida que a forma simples de futuro, *irei*, deixa de ser usada. Além de automático, um item muito usado favorece também a emancipação no sentido de preencher novas funções em novos contextos e, em alguns casos, é reduzido fonologicamente. Um exemplo de redução fonológica devido à repetição é o *vosmecê*, que passou para *você* e, posteriormente, *cê*, na língua falada (CEZARIO, 2012).

2.1. A gramaticalização do *até*

O item *até* é classificado, tradicionalmente, como preposição, com a função específica de relacionar dois termos oracionais, e, dessa relação, pode implicar movimento espacial e temporal. Além dessas duas noções de limite de espaço e tempo, com significado

+concreto, ele pode também assumir as funções de operador argumentativo e marcador de contra-expectativa, com significado + abstrato.

Quando empregado como operador argumentativo, o item *até* pode assumir o valor inclusivo e, desse, pode ser depreendido outro valor, que é o marcador de contra-expectativa, quando o falante orienta o discurso, através do item em questão, para uma quebra de expectativa. Nesse sentido, Martelotta (1993, p.102) explica que o uso do marcador de contra-expectativa “implica uma comparação entre o que é dito e o que se espera, ou o que se pressupõe, ou o que se assume como norma”. Segundo o linguista, as novas funções assumidas pelos itens, no processo de gramaticalização, só podem ser compreendidas se analisadas sob uma perspectiva de base pragmático-discursiva, pois os falantes as empregam não simplesmente com o propósito de relacionar orações, mas, principalmente, dar uma orientação argumentativa ao discurso.

Em nosso trabalho, identificamos quatro diferentes usos do *até*, que vão de um domínio cognitivo mais concreto – preposição espacial e temporal, para um domínio cognitivo mais abstrato - operador argumentativo, indicando inclusive e contra-expectativa. Assim, as ocorrências do item foram analisadas considerando a seguinte escala: *ATÉ* espacial > *ATÉ* temporal > *ATÉ* inclusivo > *ATÉ* marcador de contra-expectativa, como ilustram os exemplos abaixo:

a) *ATÉ* 1 – espacial

- (1) *Eu só sei que me perdi em você, e quando me encontrei, já era tarde, - eu havia me apaixonado. Sim, todos os caminhos me levavam até você.*
- (2) *Levantou de um pulo, pegou suas coisas e dirigiu-se até o guichê. Devolveu a passagem e encaminhou-se para a saída. Já do lado de fora da rodoviária, sentiu uma brisa fresca no rosto. Olhou para o céu ainda claro e se entreteve pensando em qual seria a próxima estação.*

Nesses exemplos, o *até* funciona como preposição, pois indica o limite espacial: *até você, até o guichê*. Essa é sua função original, tendo em vista a escala ESPAÇO > TEMPO > TEXTO.

b) *ATÉ* 2 – temporal

- (3) *Dormi às 4 da madrugada, acordei às 7 da manhã, voltei a ler, dormi às 11, acordei às 12, comi algo de olho no livro e tornei a ler, até terminar ontem às 10 da manhã.*
- (4) *E eu nunca tinha me sentido tão bem, até eu estar com você.*

No exemplo (3), o escritor relata sua maratona para conseguir terminar de ler um livro. Ele afirma que “leu até terminar ontem às 10 da manhã”. O uso do item *até*, nesse caso, marca o limite de encerramento dessa rotina de leitura. Em (4), o item também indica um limite no tempo uma vez que o escritor diz nunca ter se sentido tão bem até estar com alguém, isto é, *até* o momento de estar com alguém, porém esse tempo não é tão marcado como no exemplo (3).

c) *ATÉ* 3 – inclusivo

- (5) *Sinceramente, eu não sei se foi o seu olhar, o seu sorriso, a maneira que você conversa, o jeito que seus lábios mexem, suas crises de ciúmes, ou até mesmo o seu andando meio torto (o que sempre achei um charme).*
- (6) *Há uma semana, comecei a ler “O Caçador de Pipas”. De cara, gostei do estilo do autor, da forma com que usava as palavras, e até como ele rodeava e rodeava para, enfim, chegar ao ponto.*

O autor do exemplo (5) expõe o que sente por uma determinada pessoa, citando as coisas que admira nela, como o olhar, o sorriso e os gestos, por exemplo. Dentre os gestos, o que mais atrai a sua atenção é o andando meio torto da pessoa amada e, para introduzir esse argumento considerado mais forte, o blogueiro utiliza o *até*. Observamos, então, que em (5) a escala de força argumentativa é notória, pois o escritor utiliza o *até* sucedido de mesmo para enfatizar o argumento mais forte. A propósito desse *até mesmo*, Koch (1984) defende que os elementos *até* e *até mesmo* são analisados como sinônimos, juntamente com *inclusive* e *mesmo*. Em (6), o blogueiro relata que começou a ler um livro e rapidamente gostou do estilo do autor. Ao mencionar cada quesito que lhe agradou na obra, utiliza o *até* para introduzir a característica mais importante, na sua opinião, que é a forma como ele rodeava e rodeava para, enfim, chegar ao ponto.

d) *ATÉ* 4 – marcador de contra-expectativa

- (7) *Esses dias festivos e de sonhos, com seus blocos, cordões e fantasias já seriam inesquecíveis por si só se não aparecessem duas caretas notórias, conhecidas e famosas adornados um, com a mesma fantasia que muito bem carregou em todo seu vitorioso trajeto e outro, animado pela festa e a pródiga quantidade do etílico, podendo-se dizer até... com um ar ingênuo diante da posição e colocações cuidadosas e estudadas do careta ao seu lado, dando ambos uma demonstração da triste realidade do comportamento humano e assim ofuscando o brilho e a filosofia daqueles dias que sempre foram de folia e brincadeira.*
- (8) *A coisa fica mais séria quando lembramos que um em palanque chamava o outro de barriga disso, cabeça daquilo, prefeito bola murcha e etc... ao mesmo tempo que em atitude censurável projetava imagens, pra todo mundo ver, de pessoas chamando-as de traíras, cornudos e deploráveis outras coisas mais. Até que seria aceitável esse “encontro” se acontecesse daqui a algumas décadas e olhe lá, mas, isso foi praticamente ontem; as desavenças ainda não foram digeridas pelo povo, pequenos mortais que ficam à mercê desses cidadãos.*

No exemplo (7), o blogueiro inicia seu discurso relatando uma situação em que se depara com duas pessoas fantasiadas em uma festa carnavalesca. Em seguida, ao analisar o comportamento dos dois foliões, utiliza o *até* para direcionar o leitor a uma quebra de expectativa, que seria o fato de um dos foliões, apesar de estar numa festa e ter consumido grande quantidade de bebida alcoólica, apresentar um ar ingênuo diante da posição e colocações cuidadosas e estudadas do seu colega mascarado. De acordo com Baião e Arruda (1996), o uso do *até* como marcador de contra-expectativa, em geral, possui valor concessivo, indiciando opinião contrária ao que vinha sendo desenvolvido na linha de raciocínio do produtor do discurso.

No exemplo (8), o informante demonstra seu repúdio a alguns políticos brasileiros, cujo vocabulário impróprio e índole duvidosa são as principais características. Critica a

prática de “politicagem”, ou seja, arquiinimigos, hoje, melhores amigos, amanhã, e diz que, depois de tantos xingamentos e ofensas, a coligação *até* que seria aceitável se acontecesse daqui a algumas décadas e mesmo assim olhe lá. Em (8), o *até* + *que*, formando a construção “até que”, desempenham a função de marcador de contra-expectativa e, como no exemplo (7), possui valor concessivo, cujo uso serve para marcar um argumento contrário ao restante do assunto do texto, quebrando a expectativa do receptor de não aceitação do comportamento inadequado dos políticos brasileiros.

Para essas funções, apresentamos a seguinte tabela, com o cômputo geral de ocorrências:

Tabela 1: Cômputo geral das funções do item *até*

ATÉ espacial		ATÉ temporal		ATÉ inclusivo		ATÉ contra-expectativa		Total	
OC	%	OC	%	OC	%	OC	%	OC	%
04	9	18	40	18	40	5	11	45	100

Como podemos observar, de um total de 45 ocorrências do item *até*, 9% são de *ATÉ* espacial; 40% de *ATÉ* temporal; 40% de *ATÉ* inclusivo; e 11% de *ATÉ* contra-expectativa. Em relação à trajetória de abstratização, percebemos uma frequência de uso cada vez maior com sentido +abstrato, uma vez que 51% das ocorrências correspondem às novas funções e 49%, às funções de limites espacial e temporal, com significado +concreto. Em relação ao fato de *ATÉ* temporal e o *ATÉ* inclusivo terem o mesmo percentual não quer dizer que não esteja em processo de gramaticalização, pelo contrário, mostra que o item já sofreu alterações quando passou a ser mais empregado com o sentido temporal do que com o espacial, visto que o primeiro possui um sentido menos concreto que o segundo. Acreditamos, também, que a menor frequência de uso do *ATÉ* contra-expectativa se deva ao fato de esse uso ser mais recente na língua.

A análise dos dados nessa primeira fase da pesquisa demonstra que o item *até* é mesmo multifuncional, pois desempenha funções sintático-semânticas diferenciadas, tais como preposição, com significado +concreto, e operador argumentativo, com significado +abstrato. Constatamos, também, que a incidência de funções mais abstratas foi mais significativa que as mais concretas, comprovando que, de fato, o item *até* está passando por um continuum de gramaticalização.

3. Considerações finais

Na perspectiva da Gramática Funcional, itens linguísticos assumem funções (sintáticas, semânticas e pragmáticas) conforme os usos que os falantes fazem deles em situações reais de comunicação. Nesse sentido, a frequência de uso, por parte do falante, pode ser determinante nos processos de mudanças que ocorrem nos níveis estruturais de uma língua, por exemplo, nos casos denominados, pela Gramática Funcional, de “gramaticalização”, um fenômeno segundo o qual itens ou construções lexicais passam a assumir funções gramaticais e uma vez gramaticalizados continuam a desenvolver novas funções gramaticais (HOPPER; TRAUGOTT, 2003).

Quanto ao item *até*, embora o resultado da pesquisa seja parcial, podemos afirmar que esse item está, sim, em processo de gramaticalização, dado o seu comportamento multifuncional no corpus investigado.

Referências Bibliográficas

BAIÃO, Rosaura de Barros e ARRUDA, Júlia. Gramaticalização de até. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião José; CEZARIO, Maria Maura (Orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p.140-145.

CEZARIO, Maria Maura. Efeitos da criatividade e da frequência de uso no discurso e na gramática. CEZARIO, Maria Maura; TAVARES, Maria. Alice; BRAGA, Maria. Luiza *et al.* (Org.) *Funcionalismo linguístico: análise e descrição*. São Paulo: Contexto, 2012. p.19-32.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite et al. Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite et al. (Org.) *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola, 2007. p.15-66.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; CARVALHO, Cristina dos Santos. Critérios de gramaticalização. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite et al. (Org.) *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola, 2007. p. 67-90.

HOPPER, Paul J; TRAUGOTT, Elizabeth. *Cross-Grammaticalization*. United States: Cambridge: University Press, 2003.

KOCH, Ingedore Villaça. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 2006.

LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da Cunha. A multifuncionalidade do advérbio “realmente” na língua portuguesa sob a perspectiva da gramaticalização de construções. *Alfa: Revista de Linguística*. São Paulo, v. 56, n. 1, p. 169-200, 2012.

LEAL, Christiana Lourenço. *As funções do item até: um estudo sintático-argumentativo*. 2007. 153 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) –Faculdade de Letras / Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

TAVARES, Maria Alice. Gramática emergente e o recorte de uma construção gramatical. CEZARIO, Maria. Moura; TAVARES, Maria. Alice; BRAGA, Maria. Luiza et al. (Org.) *Funcionalismo linguístico: análise e descrição*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 33-51.

A VARIAÇÃO SEMÂNTICO-FUNCIONAL DE *SENDO QUE* NO PORTUGUÊS EUROPEU ENTRE OS SÉCULOS XVI A XX⁷⁷⁹

André Luiz RAUBER (UFMT, PGS-USP, bolsa CAPES)⁷⁸⁰
Madalena Dias TEIXEIRA (Instituto Politécnico de Santarém, CEAUL)⁷⁸¹

Resumo: Com base numa perspectiva funcionalista da linguagem (GIVÓN, 1995), investigamos a variação semântico-funcional da construção *sendo que* ao longo de quatro séculos do português Europeu. A amostra deste estudo foi extraída do *Corpus do Português* de Davies e Ferreira (2006) e do *corpus* histórico de Tarallo (1991). O século XVI apresenta a primeira ocorrência com função causal. No século XIX, a perífrase acumula uma função partitiva. Usos ao longo da história do PE sugerem um *continuum* semântico-funcional de *sendo que* domínio causal à especificação. Princípios da Gramaticalização (LEHMANN, 2008, 2011; BYBEE E HOPPER, 2002; BYBEE, 2010) são acionados nesta análise.

Palavras-chave: Variação semântico-funcional. *Sendo que*. Português Europeu.

1. Introdução

Este trabalho insere-se numa perspectiva teórica funcionalista nos moldes propostos por Givón (1995), segundo o qual o sistema comunicativo humano combina um número de módulos funcionais mutuamente inter-relacionados. Estes podem ser divididos em dois grandes grupos: i) o sistema de representação cognitiva - nele estão os domínios léxico conceptual, a informação proposicional e o discurso; e ii) os sistemas codificados, tal como o sistema gramatical (GIVÓN, 1995, p.394). Investigamos as nuances semântico-funcionais da perífrase *sendo que* no português Europeu (PE), cujos usos denotam a derivação de um domínio menos gramatical para outros mais relacionais, logo, mais gramaticais. Para isso lançamos mão dos estudos de Gramaticalização.

A Gramaticalização é aqui referenciada, principalmente, a partir dos trabalhos de Hopper e Traugott (2003) e Lehmann (2008). Para estes, a mudança linguística está condicionada a mudanças unidireccionais que evidenciam a derivação de categorias mais lexicais, ou seja, [-gramaticais], para outras mais funcionais, logo [+gramaticais]. Neste trabalho, seguiremos essa perspectiva teórica para a observação e análise diacrônica do *continuum* semântico e funcional da construção *sendo que* no PE do século XVI a XX. A amostra investigada constitui-se de textos escritos de variados gêneros do PE extraídos do *corpus* eletrônico de Davies e Ferreira (2006) e da amostra histórica do português de Tarallo (1991).

Hopper e Traugott (2003) afirmam que, durante o percurso natural de uma língua, algumas construções copulativas passam a funcionar como conectores mais gramaticalizados

⁷⁷⁹Este estudo compreende parte de uma pesquisa em linguística, desenvolvida na Universidade de Lisboa, durante o período de estágio de doutorado (julho/2012 a junho/2013), de um dos autores deste ensaio, financiado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), sob o Processo BEX nº 5141/12-5, e coorientado pela Profa. Dra. Madalena Teixeira (IPS, CEAUL).

⁷⁸⁰Docente do Departamento de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso, *campus* Rondonópolis. Doutorando em Filologia e Língua Portuguesa do Programa de Pós-Graduação da FFLCH/USP, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes. E-mail: andrerauber@hotmail.com.

⁷⁸¹Doutora em Linguística. Docente da Escola Superior de Educação de Santarém, do Instituto Politécnico de Santarém, e investigadora do Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa (CEAUL). E-mail: madalena.dt.gmail@com.

em alguns contextos linguísticos. Essa é uma hipótese que será verificada com a construção em epígrafe. O aspecto semântico do verbo *ser* parece emprestar seu traço [+relacional] à perífrase *sendoque*. Inicialmente, é possível encontrar contextos nos quais o *que* não é um elemento obrigatório, podendo o *sendo* prescindir daquele ou tê-lo em outra posição, como mostra o exemplo (1) extraído do século 17 *docorpus* de Davies e Ferreira (2006):

- (1) Das obras boas não faz caso, **sendo que** estas unicamente entrarão com ele à presença do supremo juiz, onde podem valer-lhe. (17DF20)⁷⁸²

Neste caso, poderíamos ter, por exemplo, a paráfrase: *Das obras boas não faz caso, sendo estas que unicamente entrarão com ele...* O valor de verbo cópula mantém-se em (1) e a construção *sendo que* parece funcionar como um focalizador, realçando o pronome anafórico *estas*.

Já em (2), um exemplo retirado dos dados do século 20, a perífrase *sendo que* mostra-se mais amalgamada e já não é possível separá-la ou mesmo alterar a sua posição na sentença.

- (2) ...Jean-Marie Le Pen não foi além dos 17,9%, **sendo que** a taxa de abstenção atingiu quase os 30%. (20DF95)

- (2*) Jean-Marie Le Pen não foi além dos 17,9%, **sendo a taxa** que de abstenção atingiu quase os 30%.

Em (2), *sendo que* funciona como um par forma e função, ou seja, uma **construção** segundo a definição de Goldberg (1995). Já não é possível separar essa perífrase com elementos intervenientes sem *que*, com isso, o seu sentido seja prejudicado ou alterado completamente, como evidenciado na agramaticalidade de (2*).

Diante dos exemplos em (1) e (2), podemos constatar que a construção *sendo que* tem passado por processos de variação e mudança semântico-funcionais nas amostras escritas do PE desde o século XVI. Nessa variedade do português, ela chega ao século XX desempenhando diversas funções, dentre elas a de um elemento linguístico com valor especificante em relação à informação que a precede. O contexto (3), encontrado nos dados do século XXI e retirado do banco de dados do *CetemPúblico* (*corpus* digitalizado com milhares de palavras do PE e do Português Brasileiro – PB), ilustra tal aceção:

- (3) Os distritos com maior número de incêndio desde o início do ano são os do Porto, com 2762, seguido de Braga, com 2062, e Viana do Castelo com 1292, **sendo que** os dois últimos também apresentam o maior número de hectares ardidos. (CetemPúblico, 2008)

Nesse excerto, pode-se inferir que a destruição causada pelo fogo nos Distritos de Portugal foi maior no Porto, com incidência de 2762 focos de incêndio, enquanto que em Braga ocorreram 2062 e em Viana do Castelo, 1292. Entretanto, a informação mais precisa é de que, embora o número de focos de incêndio tenha sido maior no Porto, foi em Braga e em Viana do Castelo que a extensão da destruição foi maior. A fim de especificar e tornar a informação mais fidedigna, o usuário do português emprega a construção *sendo que*. É como se de uma sequência informativa A e B fosse extraída a informação mais relevante, delimitada em AB ou C, e o emprego do *sendo que* assumiria uma função especificante nesse contexto:

A: Ocorreram incêndios no Porto, Braga e Viana do Castelo >

B: No Porto houve mais incidência ou focos de incêndio >

AB ou C: **Sendo que** Braga e Viana do Castelo tiveram mais área queimada.

⁷⁸² Os dados dos *corpora* aqui analisados foram assim etiquetados: Século (16, 17...), seguido do nome do *corpus*: DF para Davies e Ferreira e T para Tarallo, e, finalmente, o número da ocorrência.

Acreditamos que esse uso de *sendoque* aproximar-se-ia do mesmo processo desenvolvido pelo Partitivo⁷⁸³. No entanto, nem sempre essa relação pode ser observada desse modo, uma vez que tal construção tem revelado, a partir dos dados diacrônicos e sincrônicos observados, alto grau de polissemia e polifuncionalidade. Eis, então, o motivo que nos levou a analisar o seu comportamento semântico e funcional numa amostra diacrônica do PE, a fim de ter respostas para os seguintes questionamentos: Qual seria o sentido primeiro desta construção quando usada inicialmente no PE? Qual é o seu comportamento semântico e morfosintático ao longo da sua história no PE? A derivação cópula > conectivo é viável para os contextos gramaticais de *sendo que*? E a hipótese do Particípio é pertinente para explicar usos como em (3)?

Nesta breve exposição, apresentamos resultados parciais de nossa investigação, que se vincula a um estudo maior e que investiga, diacrônica e sincronicamente, os usos e funções do *sendo que* em duas variedades do português, o PE e o PB.

2. A seleção do *corpus*

A amostra selecionada para esta análise baseia-se, especialmente, no *corpus* eletrônico do português de Davies e Ferreira (2006). Sobre essa fonte de dados, cabe mencionar que, apesar de sua extensão - contém em seu banco de dados mais de 45 milhões de palavras do português (PE e PB), do século XIII a XX -, não há um tratamento filológico muito rigoroso. A datação, em certos casos, não está claramente definida e, a depender do século, os dados do PB e do PE podem aparecer conjuntamente, mesmo quando selecionado, no sistema de busca do *site*, o parâmetro “apenas PE”.

Por outro lado, o banco de dados desse *corpus* é extremamente significativo em número de palavras e textos do português, o que nos possibilitou, por exemplo, encontrar ocorrências de *sendo que* que não apareceram em outros *corpora*, como o *corpus* diacrônico de Tarallo (1991). Assim, optamos pela amostra do PE de Davies e Ferreira, tomando extremo cuidado com os resultados, conferindo a datação, a autoria e a variedade do português de todas as ocorrências encontradas. Para minimizar tais problemas, após a extração dos dados desse *corpus*, submetemos os resultados a uma triagem manual a fim de conferir datas e excluir aqueles excertos que pertenciam à variedade do PB. Além disso, utilizamos a amostra de Tarallo (1991) para comparar com os resultados da amostra de Davies e Ferreira. Vale ressaltar, contudo, que o *corpus* de Tarallo também possui textos do PB, mas com número significativo somente a partir do século XVII, assim, a amostra do período do XIII ao XVI traz, em sua maioria, documentos do PE ou escritos por portugueses em viagem ao Brasil.

3. Sobre a noção de partitividade

O conceito de partitividade, segundo Peres (1992), é essencialmente semântico, porque está relacionado à habilidade humana de contagem e medição. Sendo assim, a tentativa de anotar a sua contraparte sintática encontra, inevitavelmente, diferentes critérios – aos quais correspondem diferentes perspectivas sobre os partitivos – que podem se sobrepor.

⁷⁸³ Um sentido adversativo também parece estar subentendido neste caso. Acreditamos que a adversatividade é aqui um traço semântico da função concessiva que essa construção pode indicar. Identificamos sentidos concessivos já em dados do século XVII do PE. No século XVII, há também contextos com valor adversativo: *Amava Predestinado a Precito como irmao, sendo que era dele muitas vezes murmurado e nao poucas perseguido* (Séc.17, DAVIES e FERREIRA, 2006). Entretanto, no caso apresentado em (3), tem-se, simultaneamente, uma especificação do conteúdo informado e um acréscimo informativo.

Concordamos com Peres (1992), contudo, acreditamos que a noção de partitividade deriva, geralmente, de uma necessidade pragmática e comunicativa. O falante, ao se deparar com situações que lhe exijam maior precisão informativa, precisa lançar mão de um recurso da língua que indique essa especificidade. O partitivo pode ser esse recurso e já é usado desde o Latim, por exemplo, no antigo caso Genitivo. Assim, tendemos a acreditar que não apenas o aspecto semântico, mas também o pragmático e o cognitivo estão envolvidos na configuração morfossintática dessa categoria e contribuem para a sua estruturação linguística.

Numa perspectiva funcionalista, que considera a gramaticalização, o partitivo, nas palavras de Heine e Kuteva (2002, p.33), pode ter derivado do caso Ablativo. Para provar essa tese, os autores apresentam evidências translinguísticas, entre outras, do francês, alemão, búlgaro e finlandês.

Na língua búlgara, a mesma marca linguística que indica o caso ablativo (*ot*) passa a desempenhar a função de um marcador partitivo: *Tojidvaotbasejna* (Ele está vindo da piscina) > *polovinataotsäkrovišteto* (metade do tesouro). Já na língua basca, o morfema (*r*)*ik* compõe com o radical da palavra a noção de partitivo. Segundo Heine e Kuteva (2002), essa partícula parece derivar de um ablativo anterior.

Os autores citam também o trabalho de Harris e Campbell (1995, p.339-41). Estes observam que o desenvolvimento de um partitivo fora de uma expressão *parte-de*, através de um genitivo ou de um locativo (no significado grosseiro ‘de’ [ing. *from*]), é um bom candidato para uma mudança unidirecional, para a qual não se conhece contraexemplo.

Em particular nas línguas de base românica, o Latim já trazia no caso Genitivo a marcação linguística da partitividade, como em *Callidissimus imperatorum* (O mais hábil dos generais), retirado de Miranda (1962, p.261-262).

De acordo com Mateus *et alii* (2003, p.227), a marcação do partitivo mantém-se no português nas expressões partitivas em que, de um conjunto considerado, se efetua a extração de uma parte: O João conhece *uma das praias da costa alentejana*.

Para a classe dos numerais, o Latim possuía uma categoria distributiva. Segundo Miranda, (1962 [1901], p.261-262), “os distributivos respondem à pergunta: *quantos para cada um*, ou *quantos de cada vez? quoteni?* e com eles estão relacionados os *advérbios numerais: semel*, uma vez; *bis*, duas vezes; *ter*, três vezes; etc., que respondem à pergunta: *quantas vezes? quotie(n)s?* Isso pode ocorrer quando o mesmo número se aplica a cada uma das várias pessoas ou coisas, por exemplo: *Caesar et Ariovistus denos comites adduxerunt* (op. cit.), que significa: levaram *cada um* dez companheiros.

De acordo com Houaiss e Villar (2009), no PE arcaica, havia as construções *sendos/sendas, senhos* (séc. XIII), com o sentido de “um para cada qual, a cada um o seu: *tratara-os bem, oferecendo-lhes senhas casas*” (Houaiss e Villar, 2009, p.1728). Segundo Figueiredo (1996, p.2297), **sendo** tem seu étimo derivado do castelhano *sendos* – língua em que se matem até hoje – com a função de um adjetivo. Em Silva (1949, p.48), encontramos a seguinte descrição: “**sendos**, *adj. pl. Ant.* Dizia-se de vários objectos da mesma natureza que se referem ou pertencem a diferentes pessoas, levando ou tendo cada um o seu: ‘...o qual os recebera bem, e lhe dera *sendas* cabaias’, João de Barros, *Décadas*, IV, X, cap. 9, 592, ed. de 1946. Obs. Considerando a utilidade inegável desse distributivo, alguns autores modernos têm procurado pô-lo de novo em voga.”

O que podemos supor, entretanto, é que, como no PE e mesmo no PB essa construção não é mais usada, talvez outra tenha assumido o seu lugar em contextos que denotam uma leitura distributiva, como o exemplo (4) sugere:

- (4) O ‘escalafón’ dos bandarilheiros não sofreu alterações significativas, **sendo que** Joaquim Praxedes, João José, João Vilaverde, José Franco ‘Grenho’ e Albino Fernandes ultrapassaram as 60 corridas. (CetemPúblico)

4. A hipótese da derivação copulativo > conectivo

Hopper e Traugott (2003, p.184) afirmam que as línguas do mundo dispõem de uma grande variedade de técnicas para conectar orações em fusões mais amalgamadas. A gramaticalização desses conectores oracionais pode ocorrer a partir de diferentes fontes, como nomes, verbos, advérbios, pronomes, morfemas de caso (incluindo preposições e posições), afixos derivacionais e combinações frasais (ex. *em termos de*).

Os conectores oracionais, para Hopper e Traugott (2003, 185), são em sua origem presumivelmente motivados pelo desejo do falante de ser claro e informativo, especialmente para direcionar a interpretação pelo ouvinte da oração em termos de seu ambiente linguístico. Observam que uma das fontes dos conectivos condicionais deriva de construções cópula e são demonstradas pelos exemplos das línguas Swahili: *i-ki-wa* (*it beingthat = if it is*), japonesa: *nara(be)*, e Chikasaw(*h*)*oo* (*be*). Também no chinês, a forma *shi(be)* deu origem a um marcador condicional “se”. De acordo com Heine e Kuteva (2002, p.95), a natureza conceptual desse processo precisa ainda ser melhor esclarecida e é provável que ela esteja relacionada à direção(>) *S-QUESTION > CONDITIONAL* (*op. cit.*).

Da mesma forma, o verbo cópula *ser* compõe a perífrase [*SER*_{gerúndio} + *QUE*], presente também em outras línguas, como o espanhol, o italiano e até mesmo o inglês. Nelas, pode assumir diferentes funções: causa, concessão, oposição, delimitação. Acreditamos que o valor relacional, que a forma *ser* apresenta deste o seu emprego no Latim, seja o traço semântico que possibilitou a evolução de *sendo* como conector mais gramaticalizado ao se aproximar do *que* e com ele formar a perífrase *sendo que*.

5. Contextos de uso de *sendo que* no PE: estudo histórico

Analisaremos a frequência de uso do *sendo que* a partir dos parâmetros de frequência *token* e *type* de Bybee e Hopper (2002) e Bybee (2010). O primeiro parâmetro mede a repetição textual, já o segundo, cada padrão de uso identificado.

A primeira ocorrência da construção *sendo + que* foi encontrada nos documentos do século XVI do *corpus* de Davies e Ferreira (2006). Antes disso, não há registros de *sendo que* no *corpus* de Davies e Ferreira (2006), nem mesmo de Tarallo (1991). A frequência *token* de *sendo que*, a partir do século XVI até o XX, corresponde aos números absolutos apresentados no quadro 1:

Quadro 1: Frequência *token* de *sendo que* no *corpus* diacrônico do PE

Período	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	Total
<i>Tokens</i>	2	74	38	53	101	270
<i>Tamanho</i>	4.333.175	3.272.161	2.189.415	9.736.533	10.215.560	29.746.844

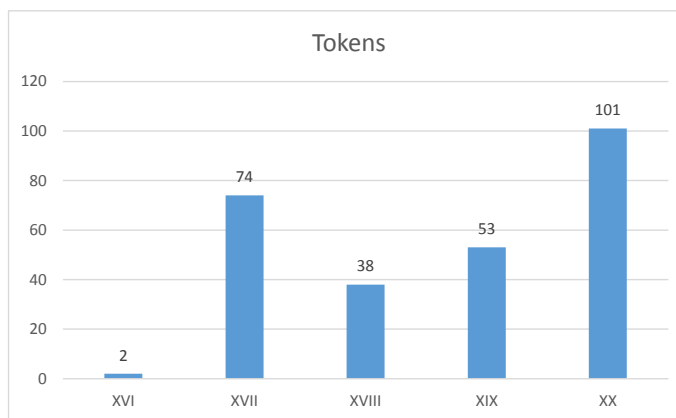


Gráfico I: Frequência *token* de *sendo que* no PE – séc. XVI a XX

O número de palavras em cada período oscila consideravelmente. Contudo, verificamos empiricamente que não é o critério quantitativo que determina o número de ocorrências de *sendo que* nos *corpora*, mas o tipo e/ou gênero de texto. Apenas os dados do século XX da amostra de Davies e Ferreira (2006) apresentam a variável tipo de texto/gênero, como critério de levantamento. O quadro 2 apresenta os resultados com *sendo que* nos seguintes tipos de texto: acadêmico, notícia e ficção.

Quadro 2: Século XX – Frequência *token* de *sendo que* e a variável gênero textual

Gênero	Acadêmico	Notícia	Ficção
<i>Tokens</i>	55	37	9

Os resultados apresentados no quadro 2 reforçam a hipótese de que textos argumentativos, uma vez que são os mais produzidos no domínio Acadêmico, são os mais propícios e receptivos ao aparecimento de *sendo que*. Em segundo lugar viriam os textos de base narrativa, como a notícia, e em terceiro os textos ficcionais e/ou literários. Contudo, quanto ao último, qualquer generalização neste momento será prematura e imprecisa.

A explicação para o alto número de ocorrências de *sendo que* no século 17 deve-se exatamente à característica da amostra de textos desse período. Há várias cartas do Pe. Antônio Vieira. Das 74 ocorrências registradas, 35 são excertos de cartas de Vieira, ou seja, praticamente a metade de texto estruturados dentro de princípios argumentativos, como o silogismo e a retórica.

Por sua vez, em toda a amostra de Tarallo (1991) – século XIII a XX - foram encontradas apenas 8 ocorrências de *sendo que*, localizadas pontualmente em dois séculos: XVII e XVIII. No primeiro registram-se 5 ocorrências, no segundo, 3. Verificamos, contudo, um total de 214 usos da forma *sendo* nesse *corpus*, algumas delas assim registradas já no século XVI:

- (5) ...e pera isto poder ser melhor, me pidio o Duque que lhe quygesedaar o treslado de hũa carta que ho senhor Dom Alvaroespreveo a Ell Rey Dom João, na qual se comtem a verdade de tudo, como per ela se veraa, e elle não fez nenhũamensão de nada que nela esteja, **sendo** maesverdadeyra**que** tudo ho que ele pode dizer, e isto melhor lhe cabe o nome de traição que polo ele, homdenunca a pode aver. (16T[CDM], p. 27)

O contexto em que aparecem o *sendo* e o *que* no exemplo (5) fora estudado por Simões (2007) em sua tese de doutoramento. Ao falar sobre as construções adverbiais, Simões (2007, p.253) afirma o estudo da diacronia das CA [construções adverbiais] tem mostrado que elas “estão mais dispostas a lexicalizar-se. Isso provavelmente se dá pelo fato de serem mais

nominais que verbais, o que as torna, portanto, mais suscetíveis desse passo. Isso de alguma forma explica também o surgimento de uma nova locução conjuncional **sendo que** com valor causal.

5.1. Mapeamento e análise da amostra diacrônica do PE

Para Hopper e Traugott (2003), os estudos diacrônicos de padrões de frequência de uma expressão que tem sua ocorrência aumentada ao longo do tempo é uma primeira evidência de gramaticalização.

Para melhor visualização da frequência *token* e *type* de *sendo que* ao longo da história do PE, elaboramos quadros demonstrativos e, para cada padrão *type*, foram extraídos exemplos. No século XVI foram encontradas apenas 2 ocorrências com valor causal: (6) “*de todas as partes lhe pediam se salvasse também a si mesmo. Antes, sendo que se vinham os barcos chegando, abalou só para eles com um rosto alegre*” (16DF1).

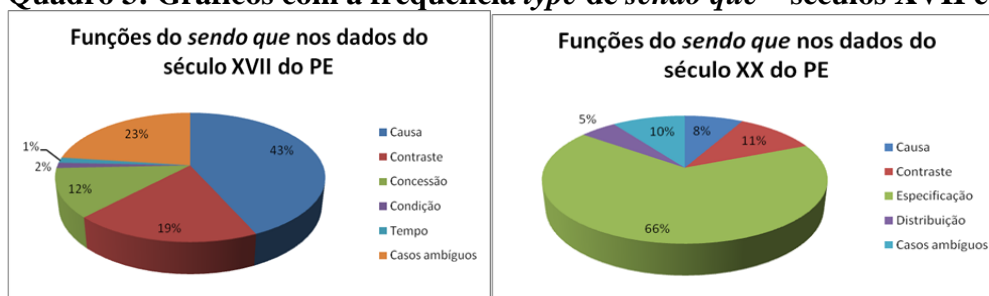
O exemplo acima indica a função causal (conforme paráfrase em 6a) como aquela mais remota da formação perifrástica de *sendo + que*. Esse primeiro contexto permite ainda uma interpretação temporal (conforme 6b):

6a. (...) Antes, **uma vez que**_[causa] se vinham os barcos chegando (...)

6b. (...) Antes, **enquanto**_[tempo] se vinham os barcos chegando (...)

Apresentamos a seguir dois gráficos com a frequência *type* de *sendo que* nos séculos XVII e XX, cuja frequência *token* foi de 74 ocorrências no primeiro e 101 no segundo.

Quadro 3: Gráficos com a frequência *type* de *sendo que* – séculos XVII e XX



O resultado desta análise revelaram-nos certos contextos de uso relevantes – segundo o critério de frequência - de *sendo que*, sintetizados, brevemente, num *continuum* semântico que passa por estágios de causa > concessão > adversatividade (contraste/oposição) > especificação. As amostras citadas em 7 a 9 ilustram tais contextos:

Causal:

(7) “*como mãe piedosa, entranhavelmente os amava. Contudo, por outra parte, sendo que lhe queriam todos como filhos, ainda que com perda sua, se alegraram...*” (17DF38)

Contrastivo:

(8) “*Começou desde entao uma grande conformidade na família, sendo que antes disto todos eram fiscais uns dos outros.*” (17DF16)

(9) “*uma elegante simplicidade é a que dá realce a toda a espécie de beleza. Sendo que, pelo contrario, não ha coisa mais própria para fazer perder uma*” (19DF17)

Especificante:

(10) “*Cada pergunta tem três respostas possíveis, sendo que apenas uma delas é a correcta*” (20DF19)

6. Conclusões

A análise dos contextos de uso da construção *sendo que* no PE revelaram-nos aspectos semânticos, funcionais e cognitivos acionados nos diversos empregos dessa perífrase num período histórico que compreende o século XVI ao XX, com algumas amostras do PE hodierno.

O uso causal foi percebido como uma das funções mais remotas – século XVI – dessa perífrase, tendo uma frequência de 43%, conforme quadro 3, nas ocorrências do século XVII. A função especificante, conforme exemplificado em (3) e (10), parece ser a mais recente. Entretanto, reinterpretções semânticas e reanálises sintáticas acompanham os contextos de uso de *sendo que* até os usos hodiernos. Cognitivamente, a causa aparece como a categoria mais básica de *sendo*, acompanhada, ainda que com reduzida frequência, da categoria tempo, certamente uma das mais básicas. O valor de um elemento especificante na língua – função identificada a partir do século XIX - estaria numa dimensão mais abstrata, próxima dos qualificadores. De acordo com a análise histórica ora apresentada, conjecturamos um *continuum* semântico e cognitivo de *sendo que*, ainda passível de reinterpretção, assim delineado: [tempo] causa > concessão > contraste > especificação [distribuição]. A função especificante e sua correlata distributiva representariam a gramaticalização de uma categoria partitiva no PE atual, hipótese a ser melhor delineada na pesquisa maior.

Os dados sugerem que a derivação do valor especificante do *sendo que* não se deu da passagem imediata de um operador causal, mas, provavelmente, quando tal construção também passou a indicar sentido contrastivo/opositivo, mais tarde delimitativo, tendo como escopo a informação precedente. Eis a razão que nos leva a defender a hipótese de que estaríamos diante de uma reanálise de uma construção com verbo cópula *SER*_{gerúndio} + *que* que assumiria, dentre outros, também função partitiva no português, com frequênciatype de 66% nos dados do século XX, conforme quadro 3.

O fato de a forma cópula *ser* constituir a base verbal dessa perífrase leva-nos a inferir que a propriedade [-gramatical] dessa forma, como elemento relacional entre um argumento externo – o sujeito - e outro argumento interno – o predicativo – foi reanalisada, nos contextos apresentados neste estudo, para a função de conector conjuncional da construção *sendo que* [+gramatical]. Esta, contudo, é uma afirmação que será melhor explicada no desenvolvimento do objetivo mais geral deste trabalho.

Cabe ainda mencionar que o tipo de texto é uma variável importante que deve ser considerada na definição dos contextos de uso do *sendo que*. Como referido acima, os dados do século XX demonstraram que textos de base argumentativa favorecem a ocorrência dessa construção nesse século, variável confirmada no número de casos identificados no século XVII, principalmente nos textos conceptistas do Pe. Antônio Vieira.

Quanto à posição do *sendo que* na sentença, é possível afirmar que ela ocorre, prioritariamente, entre orações. Contudo, observamos que outras posições, como introdução de período, não constituem ambiente restritivo, ainda que ocorram em baixíssimo número. Ele pode também aparecer parenteticamente, com forte valor especificante. Novos testes e análises serão feitas com *sendo que* tanto no PE como no PB, um deles testará como os usuários da língua interpretam essa construção em situações efetivas de uso. Tal estratégia já foi realizada com falantes nativos do PE e será incorporado à sequência deste estudo.

Finalmente, cabe destacar que, no nível pragmático, a perífrase em questão revela a marcação de foco (Dik, 1997) nas sincronias do século XX. Esse domínio analítico, entretanto, será melhor abordado em futuras publicações sobre os usos e funções de *sendo que* no português contemporâneo.

Referências Bibliográficas

BARROS, João de. *Décadas*, IV, X, cap. 9, 592, ed. de 1946. In: SILVA, Antônio de Moraes. *Grande dicionário da Língua Portuguesa*. 10. ed. Vol. X. Rio de Janeiro: Confluência, 1949.

BYBEE, Joan; HOPPER, Paul. *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: Benjamins, 2002.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CETEMPúblico. *Corpus de extractos de textos eletrônicos do Público*. Disponível em www.cetempublico.pt. Acessado em jan. 2012.

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael J. *Corpus do Português*. 2006. Disponível em <http://corpusdoportugues.org/>.

DICIONÁRIO da Real Academia Española. Disponível em <http://lema.rae.es/dpd/?key=sendo>. Acessado em março de 2012.

DIK, Simon C. *The theory of functional grammar*. Edited by Kess Hengeveld. 2. ed. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1997.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Grande dicionário da Língua Portuguesa*. 25ª ed. Vol. II. Venda Nova: Bertrand Editora, 1996.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. United States of America: University of Chicago Press, 1995.

HARRIS, Alice C.; CAMPBELL, Lyle. *Historical syntax in cross-linguistic perspective*. Cambridge: Cambridge University Press. 1995. In: HEINE, Bernd; KUTEVA, Tania. *World lexicon of grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

HEINE, Bernd; KUTEVA, Tania. *World lexicon of grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

HOPPER, Paulo J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Lisboa: Temas e debates, 2009.

LEHMANN, Christian. Information structure and grammaticalization. In: SEONE, Elena; LÓPEZ-COUSO, María José (eds.). *Theoretical and empirical issues in grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2008.

MATEUS, Maria Helena Mira; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Hub. *Gramática da Língua Portuguesa*. 7ª ed. Lisboa: Caminho, 2003.

MIRANDA, Pe. Manuel Francisco de. *Gramática Latina*. De harmonia com os programas oficiais. 8. ed. correcta e actualizada por Pe. Arlindo Ribeiro da Cunha. Braga: Depósito do Seminário de Braga, 1962 [1901].

PERES, 1992. In: CORREA, Jane; MEIRELES, Elisabet de Sousa. *A compreensão intuitiva da criança acerca da divisão partitiva de quantidades contínuas*. Estudos de Psicologia. 2000, p.11-31)

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Serões Grammaticaes ou Nova GrammaticaPortuguesa*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1950 [1890].

SILVA, Antônio de Moraes. *Grande dicionário da Língua Portuguesa*. 10. ed. Vol. X. Rio de Janeiro: Confluência, 1949.

SIMÕES, José da Silva. *Sintaticização, discursivização e semanticização das orações de gerúndio no português brasileiro*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação da FFLCH. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2007.

TARALO, Fernando. *Corpus histórico do Português*. Campinas, 1991.

GRAMATICALIZAÇÃO: UM ESTUDO DA CONSTRUÇÃO “CHEGAR + (A) + V2” A PARTIR DE DADOS ORIUNDOS DO GÊNERO NOTÍCIA

Elizene Sebastiana de Oliveira NUNES (UNIPAM)⁷⁸⁴
Sueli Maria COELHO (UFMG)⁷⁸⁵

Resumo: Este trabalho faz parte de um estudo mais amplo sobre a construção *chegar + (a) + V2* no português brasileiro e objetiva investigá-la a fim de averiguar, mediante os critérios de auxiliaridade mais recorrentes entre diferentes autores, o seu grau de gramaticalidade. O estudo ancora-se no paradigma funcionalista e apresenta o processo de gramaticalização como um processo de mudança linguística pelo qual itens ou construções lexicais tornam-se gramaticais ou itens e construções já gramaticais tornam-se ainda mais gramaticais. Utilizamos como *corpus* 127 trechos de notícias do século XX, retirados aleatoriamente do Corpus do Português.

Palavras-chave: Gramaticalização. Auxiliaridade. Verbo *chegar*.

1. Considerações iniciais

Segundo Cunha (1992), o verbo *chegar* tem sua origem no verbo latino *plicare* e significava “dobrar”, “enrolar”. No processo de evolução semântica, esse verbo parece ter passado a ser utilizado mais comumente com o significado de vir, ou melhor, com a ideia de deslocamento de um ponto X a um ponto Y, conforme se vê no exemplo 1.

(1) O presidente peruano **chegou** ontem a Havana para um encontro com o presidente Fidel Castro, em busca de uma solução à crise dos reféns, mantidos na residência do embaixador japonês em Lima, desde 17 de dezembro. (Trecho de notícia intitulada “Cuba aceita asilar rebeldes peruanos”, publicada na Bahia, em 4/3/1997)

Entretanto, uma simples e rápida investigação linguística, principalmente na linguagem em uso e/ou em *corpora* de referência, nos permite detectar outras acepções para esse verbo, que tem sido recorrentes no português brasileiro, como mostram os exemplos 2, 3, 4, 5, 6 e 7 a seguir:

- (2) Pode-se dizer tudo do ex-presidente Collor, menos que ele não dá Ibope. Com sua aparição, sempre grandiloquente, espalhafatosa, **chegando** ao delírio, na última terça-feira, o "Jornal Nacional" ganhou alguns pontos. (Trecho de notícia intitulada “A fúria alucinada de Collor”, publicada em Curitiba em 23/02/1997).
- (3) As metas foram todas ultrapassadas. A produção cresceu à base de 14% ao ano e hoje **chega** perto de 1 milhão de barris. Na virada do século, **chegar**á a 1,5 milhão diários. Tudo feito à custa de suor e inteligência. (Trecho de notícia intitulada “Caminho aberto”, publicada em Curitiba em 23/02/1997).
- (4) Tem razão o presidente da Federação das Indústrias de São Paulo, Carlos Moreira, de gritar, referindo-se aos congressistas: "**Chega** de moleza! Vamos trabalhar" O Plano Real está completando quatro anos e todos sabem que as suas âncoras só segurarão indefinidamente a estabilidade dos preços se implantarmos as reformas que diminuirão o déficit público e, conseqüentemente, o peso do Estado sobre a economia. (Trecho de notícia intitulada “Engordando as contas bancárias”, publicada em Curitiba em 23/02/1997).

⁷⁸⁴ Centro Universitário de Patos de Minas. Patos de Minas, Brasil. E-mail: elizene@unipam.edu.br).

⁷⁸⁵ Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, Brasil. E-mail: su.coelho@uol.com.br)

- (5) O filme está sendo rodado na Inglaterra com o roteiro mantido no mais absoluto sigilo. A imprensa britânica já **chegou** a cogitar, até mesmo, que Cruise estaria interpretando o papel de uma mulher.' Ninguém acertou', garantiu ele. (Trecho de notícia intitulada "Gente do mundo", publicada no Pará em 10/04/1997).
- (6) A pesquisa em Cuba consistiu em criar " uma relação boa e íntima " com a viúva de Che e seus amigos mais **chegados**. Em troca, conseguiu novos contatos em Cuba e em outros países. Estudou, inclusive, várias horas na biblioteca particular de Guevara, onde conseguiu familiarizar-se com o " senso íntimo " do guerrilheiro argentino. (Trecho de notícia intitulada "Che Guevara: o homem e o mito", publicada em Recife em 07/07/1997).
- (7) Está casado com Ana (Marília Pêra), atriz de novelas e não menos decepcionada com o trabalho. Há o artista plástico Salvador (Anselmo Vasconcelos), que expõe suas obras no banheiro do bar; o jornalista de esquerda Ivan Guerra (Nelson Dantas); o farrista Cabelinho (Paulo César Pereio), casado com a gostosa Cotinha (Sílvia Bandeira), que é **chegada** a tirar a roupa em público. A história central fica entre o encontro e o desencontro amoroso de Zeca e Ana. Quando ele deixa a televisão, o casamento vai a pique. (Trecho de notícia intitulada "Vídeo: 'Bar esperança' faz bem ao fígado", publicada em São Paulo em 18/04/1997).

Partindo dessa constatação, o presente trabalho, que faz parte de um estudo mais amplo sobre o verbo *chegar* no português brasileiro, tem como objeto de estudo a construção *chegar + (a) + V2* e a investiga, a partir de dados oriundos do gênero notícia, a fim de identificar, mediante 12 critérios de auxiliaridade, seu grau de gramaticalidade.

Entende-se que essa construção é utilizada para expressar valores que nem o verbo *chegar* (V1) nem o outro verbo (V2) poderiam expressar sozinhos e são levantadas algumas hipóteses acerca da existência de valores modais e/ou aspectuais marcados pelo V1.

Para consecução do objetivo proposto, foram utilizados como *corpus* 127 trechos oriundos do gênero notícia, coletados a partir da busca pela fórmula "cheg*" no Corpus do Português (www.corpusdoportugues.org). Os dados referentes ao gênero notícia neste *Corpus* são todos datados do século XX. O Corpus do Português foi organizado por Mark Davies e Michael Ferreira, em 2008, e está disponibilizado *online*. Após a organização dos dados, foram quantificadas as ocorrências gerais do *chegar* e as ocorrências específicas do objeto de estudo aqui analisado para, posteriormente, analisar a construção à luz dos critérios de auxiliaridade e averiguar quais deles atualizaram-se no *corpus* aqui constituído, conforme demonstrado na seção 4 deste trabalho.

2. Gramaticalização: uma abordagem funcionalista

A gramática de uma língua, numa perspectiva tradicional, nos é apresentada como um conjunto fechado de itens e processos, em oposição ao léxico, conjunto aberto a incorporações (COELHO e VITRAL, 2011). Entretanto, essa gramática não parece ser tão estável como nos é apresentada. No âmbito do funcionalismo, encontra-se a gramaticalização como foco principal e discutível. A partir dos estudos da gramaticalização, a gramática tradicional deve ser reformulada, devido ao novo enfoque dado às mudanças linguísticas. Isso fica provado quando observamos os fenômenos de gramaticalização que vêm amplamente sendo estudados nas diversas perspectivas teóricas. Coelho e Vitral (2011, p. 178) afirmam ser fato que "a gramática de uma língua pode adquirir itens renovados para exprimir noções gramaticais já existentes".

Hopper e Traugott (1993) definem gramaticalização como o processo pelo qual itens e construções lexicais passam, em determinados contextos linguísticos, a servir a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Dito de outra forma, a gramaticalização é o processo pelo qual um item sai do léxico para entrar na gramática.

Segundo Neves (1997), o termo gramaticalização, começou a ser usado na China, no século X, mas foi somente no século XX que Meillet o definiu como “a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma”. Desde então, muitos linguistas ocuparam-se desse fenômeno.

Conforme aponta Leite (2011), o termo gramática, nos estudos funcionalistas, passou a designar o conjunto de regularidades decorrentes de pressões cognitivas e, acima de tudo, pressões de uso. As pressões cognitivas constituem o fato de a gramática apresentar um aspecto mais regular, pois ela é consequência do modo como os humanos interpretam o mundo e organizam mentalmente as informações decorrentes dessa interpretação. Daí o motivo pelo qual se afirma que a gramaticalização é uma faceta instável da gramática que tende a se processar em aspectos abstratos, conversacionais e na organização interna do texto.

Essa faceta instável da gramática se dá pelo fato de a linguagem e a sociedade estarem ligadas entre si de modo inquestionável. A história da humanidade é a história de seres organizados em sociedade e detentores de um sistema de comunicação oral, ou seja, de uma língua. Dentro dessa perspectiva, a língua é concebida como entidade social, variável, dinâmica e heterogênea, a qual está em constante processo de variação e mudança linguística. (LEITE, 2011).

Martelotta, Votre e Cezario (1996) afirmam que a gramaticalização envolve os níveis cognitivos (os elementos concretos tendem a passar a elementos abstratos); pragmáticos (os ouvintes entendem o novo sentido de uma determinada palavra na interação face a face); semânticos (o conhecimento dos interlocutores torna-se necessário no processo de mudança dos significados de origem) e sintáticos (o processo de gramaticalização não ocorre somente por conta dos contextos, mas ocorre também por conta dos aspectos sintáticos).

Enfim, a gramaticalização é um tipo produtivo de mudança linguística, sendo que esta mudança se de forma gradual e segue uma escala que vai do discurso para a manifestação zero, passando pela sintaxe, pela morfologia e pela morfofonêmica, obedecendo à ordem da esquerda para a direita. Essa sequência escalar se dá em direção específica e coloca a unidirecionalidade como a característica básica da gramaticalização.

Hopper e Traugott (1993) assim representam o processo de gramaticalização: *item lexical* > *palavra gramatical* > *clítico* > *afixo*

Almeida e Oliveira (2010, p. 139) explicam a representação de Hopper e Traugott (1993) afirmando que

num primeiro estágio, um item passa a esvaziar seu conteúdo lexical, a ponto de assumir características de natureza gramatical. Em seguida, se houver a continuação da evolução do processo, ele passa por uma transformação formal, assumindo um comportamento típico de um clítico, para, finalmente, afixar-se a outro item, e, como uma última etapa, caminhar, talvez, para o seu desaparecimento.

Vê-se que a gramaticalização é um processo que perpassa vários estágios e, por isso são estabelecidos alguns parâmetros para auxiliar os pesquisadores na decisão de sancionar o estatuto gramatical de determinada forma ou construção. Nesse sentido, é que são recorrentes duas propostas bem familiares aos estudiosos do tema: a de Lehmann (1982) e a de Hopper (1991). Conforme apontam Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb Galvão (2007, p. 98), “o primeiro propõe critérios para aferir o grau de autonomia de formas em estágios mais avançados de gramaticalização, enquanto os critérios propostos pelo segundo visam a formas em estágios incipientes”. Apesar de o objetivo maior deste estudo ser aferir o grau de gramaticalidade da construção *chegar + (a) + V2*, não nos ateremos à descrição pormenorizada desses critérios, vez que nossa análise será embasada essencialmente no parâmetro *Conexidade*, medido via critérios de auxiliaridade, proposto por Lehmann (1982).

3. Conexidade, auxiliaridade e gramaticalização de *chegar* + (a) + V2

Entendendo a gramaticalização como contrária à autonomia de uma forma, Lehmann (2002 [1982]) propõe seis parâmetros por meio dos quais se pode aferir o grau de gramaticalização de uma forma, ou seja, sua autonomia. Isso quer dizer que quanto mais gramaticalizada uma forma, menor autonomia discursiva ela terá. Dentre os parâmetros de Lehmann, o da *Conexidade* é o que se revela o mais adequado para análise dos diferentes graus de gramaticalização da construção *chegar* + (a) + V2. A coesão sintagmática ou conexidade de um signo é apresentada como a coesão de um item com outro. Refere-se à intimidade com que este item está conectado com um outro sinal com o qual mantém uma relação sintagmática. (LEHMANN, 2002 [1982]).

Segundo Lehmann, um critério sintático bastante viável para se testar a conexidade de um formativo gramatical é a possibilidade de inserção de material entre ele e a palavra a qual tende a atrair-se. Será maior a gramaticalidade do conjunto que não permitir a inserção de material em seu interior. Esse critério sintático é equivalente ao critério da Inseparabilidade proposto por Lobato (1975) e reiterado por Longo (1990), Heine (1993) e Longo e Campos (2002), conforme será visto na próxima seção. Isso nos faz pensar que os critérios de auxiliaridade podem ser bons instrumentos para aferir o grau de gramaticalidade da construção, já que, quanto maior o número de critérios de auxiliaridade atualizados, mais coesa, mais conectada e mais gramaticalizada ela estará.

4. Estudo da construção *chegar* + (a) + v2 à luz dos critérios de auxiliaridade

Entender nosso objeto de estudo como uma construção pode ser explicável pelo fato de ela parecer desempenhar o papel de uma perífrase verbal.

Neste ponto, destaca-se que, apesar da existência de uma grande divergência entre autores sobre a definição do termo auxiliar, optamos neste trabalho, assim como Fonseca (2010), por um posicionamento menos extremista em relação ao uso deste termo, reconhecendo ser o *chegar* o que carrega toda a informação morfológica do predicador principal.

Segundo Fonseca (2010), várias hipóteses foram elaboradas a fim de definir o estatuto gramatical dos auxiliares nas línguas como um todo. Fonseca (2010, p. 46) apresenta as que foram listadas por Heine (1993):

- (i) *hipótese da autonomia*: auxiliares ou elementos sob esse rótulo constituem uma categoria distinta, diferente dos verbos e de outras categorias. Trata-se de uma categoria universal, porém com diferentes realizações em diferentes línguas (PUGLIELI, 1987, *apud* HEINE, 1993).
- (ii) *hipótese do verbo principal*: auxiliares e verbos plenos comporiam uma mesma categoria lexical (ROSS, 1969, *apud* HEINE, 1993) ou seriam um subconjunto especial da categoria verbo (PULLUM & WILSON, 1977, *apud* HEINE, 1993).
- (iii) *hipótese da gradiência*: não há limites separando auxiliares de verbos principais, os quais devem ser vistos na forma de um *continuum* ou gradiente. Essa posição está associada, por um lado, ao paradigma da gramaticalização e, por outro lado, à noção de *continuum* ou gradiência (GARCIA, 1967; BOLINGER, 1980, *apud* HEINE, 1993).

Como apontado por Fonseca (2010), essa última parece ser a hipótese defendida por Heine (1993), uma vez que ele define auxiliar como um item linguístico, localizado ao longo de uma cadeia de gramaticalização, que se estende desde verbo pleno até as flexões

gramaticais de tempo, aspecto e modalidade, e seu comportamento pode ser descrito com referência a sua relativa localização ao longo dessa cadeia, que é chamada de *cadeia verbo para TAM* (Tempo, Aspecto, Modo/Modalidade).

Pensando que este trabalho adota o ponto de vista da gramaticalização, é essa também a perspectiva que assumimos, já que a passagem de formas lexicais para formas gramaticais não é discreta, sendo, ao contrário, dada num *continuum*, com sobreposição de funções, traçando um percurso que, conforme Fonseca (2010), pode ser assim descrito: *verbo pleno* > *verbo pleno/ auxiliar* > *verbo auxiliar*.

Como não há um consenso sobre quais seriam as propriedades mais adequadas para identificar ou medir o grau de auxiliaridade de V1 em perífrases verbais, adotaremos neste trabalho, como proposto por Fonseca (2010), os critérios mais recorrentes apontados pelos principais estudos sobre essa categoria (HEINE, 1993; LOBATO, 1975; LONGO, 1990; LONGO & CAMPOS, 2002). Foram 12 os critérios selecionados, conforme quadro 1.

Quadro 1: Critérios de auxiliaridade

Critérios de auxiliaridade	Lobato (1975)	Longo (1990)	Heine (1993)	Longo e Campos(2002)
Inseparabilidade (prosódica, sintática e semântica)	✓	✓	✓	✓
Detematização (sem propriedade de predicação)	✓	✓	✓	
Incidência da negação sobre a perífrase	✓	✓	✓	
Restrição paradigmática (defectividade)	✓		✓	
Frequência alta (auxiliar + v. na forma nominal)	✓		✓	
Incidência de circunstante de tempo sobre a perífrase	✓	✓		
Impossibilidade de desdobramento da oração	✓	✓		
Critério da apassivização	✓	✓		
Recursividade (coocorrência com mesma raiz)			✓	✓
Impossibilidade de substituição por pronome	✓	✓		
Sujeito único	✓	✓		
Posição fixa na perífrase			✓	✓

Fonte: Adaptado de Fonseca (2010, p. 51)

Antes de submetermos a construção estudada aos 12 critérios selecionados, importante destacar alguns números quantitativos encontrados no *corpus*:

Tabela 1: Resultados numéricos obtidos a partir dos dados oriundos do gênero notícia retirados da base de dados do Corpus do Português

Chave de busca	Nº de ocorrências	Porcentagem no <i>corpus</i>
Cheg*	164	100%
[chegar] a [vr*]	42	25,6%
[chegar] [vr*]	1	0,6%

Fonte: Dados do trabalho (2013)

A partir dos números apresentados na tabela 1, vê-se que a frequência da construção estudada é alta, vez que compreende 26,2% do número total de ocorrência com o radical *cheg*. Essa alta frequência, conforme aponta Bybee (2003), é um fator importante na gramaticalização, pois itens gramaticalizados são aqueles que ocorrem com maior frequência já que a repetição frequente de uma forma desempenha um papel importante nas mudanças que ocorrem durante o processo. Interessante observar também que, no *corpus* analisado, foi encontrada somente uma ocorrência da construção sem a preposição *a* (vide exemplo 8). Isso pode ser explicado pelo fato de os dados serem oriundos do gênero notícia, sendo esta

veiculada em jornal impresso. Numa busca na base geral de dados do Corpus do Português, viu-se que, em textos orais, a ausência da preposição é mais recorrente.

(8) O evento, já tradicional no Litoral Norte do Estado e Sul do país, **chega atrair** visitantes de um raio de 300km. Cerca de 30 balões estarão em no parque do Balonismo no município. Os vãos de balão são sempre realizados bem cedo (por volta das 6h ou 7h) ou à tarde, após às 16h, para aproveitar as melhores condições dos ventos. (Trecho da notícia intitulada “Torres realiza Festival de Balonismo”, publicada no Pará em 16/04/1997)

Passemos, agora, ao quadro de atualização dos critérios selecionados na construção estudada.

Quadro 2: Atualização dos critérios de auxiliaridade na construção *chegar +(a) + V2*

Crítérios de auxiliaridade	Atualização
Inseparabilidade (prosódica, sintática e semântica)	-
Detematização (sem propriedade de predicação)	+
Incidência da negação sobre a perífrase	+
Restrição paradigmática (defectividade)	+
Frequência alta (auxiliar + v. na forma nominal)	+
Incidência de circunstante de tempo sobre a perífrase	+
Impossibilidade de desdobramento da oração	+
Crítério da apassivização	+
Recursividade (coocorrência com mesma raiz)	-
Impossibilidade de substituição por pronome	-
Sujeito único	+
Posição fixa na perífrase	+

Fonte: Elaborado pelas autoras (2013)

Conforme os dados analisados neste estudo, a construção *chegar +(a) + V2* somente não atualizou 3 (três) dos 12 (doze) critérios elencados.

Os resultados mostram que, quanto ao critério *Inseparabilidade*, é possível a existência de material interveniente entre V1 e V2, mas somente duas ocorrências (4,6%) foram encontradas com este tipo de material, sendo que em ambas o interveniente é o advérbio *até*, conforme 9 e 10.

(9) Apesar de chegar a ser parente do ex-prefeito Jarbas Vasconcelos (PMDB), não aceitava ser um soldado a favor dessa bandeira. Causou surpresa em algumas votações e **chegou até a dar** voto contra a algumas ações da bancada do prefeito Roberto Magalhaes, mesmo fazendo parte do grupo de partidos aliados. (Trecho de notícia intitulada “PSDB estadual obtém treze novas filiações, publicada em Recife em 10/03/1997).

(10) No ano passado, Carlão, titular da seleção, valia 7 pontos. Este ano, a CBV resolveu diminuir a pontuação dos atletas mais velhos. Aos 32 anos, o jogador passou a contar apenas 3 pontos, o que facilitou a sua transferência. Carlão era pretendido também pela Ulbra/Diadora, da cidade gaúcha de Canoas, que **chegou até a anunciar** a sua contratação. (Trecho de notícia intitulada “Olympikus reforça time e contrata o atacante Carlão”, publicada em São Paulo em 17/04/1997).

Os critérios *Recursividade* e *Impossibilidade de substituição de pronome* também não foram atualizados no *corpus*. Entretanto, quanto à *Recursividade*, num *corpus* maior, acreditamos ser possível detectá-la, principalmente se se tratar de um *corpus* oral, visto que, no dia-a-dia, não são incomuns frases como a mostrada em 11⁷⁸⁶.

⁷⁸⁶ Exemplo criado para exemplificar a recursividade.

(11) Os estudantes que vinham para o Simpósio não **chegaram a chegar** aqui na Universidade, visto que inúmeras manifestações estavam sendo realizadas nas rodovias estaduais.

Já quanto à *Impossibilidade de substituição de pronome*, ficou revelado que chegar comporta-se diferente dos auxiliares prototípicos, visto que, na construção *chegar +(a) + V2*, o V2 pode facilmente ser substituído pelo pronome *isso*, como mostram 12 e 12a. Por este critério, *chegar* é excluído da classe auxiliar, visto que os auxiliares prototípicos não admitem a substituição da forma nominal pelos pronomes *isso* e *tanto*.

(12) Segundo Gonzalez, a decisão brasileira não **chega a atrapalhar**, mas entra em contradição com a integração regional. Também os representantes do Chile que acompanham a reunião dos ministros da Economia e presidentes dos bancos centrais dos países do Mercosul querem pedir ao governo brasileiro uma revisão da medida. (Trecho de notícia intitulada “Mercosul pede fim de restrição brasileira”, publicada em Santa Catarina em 23/04/1997)

12 a. Segundo Gonzalez, a decisão brasileira não **chega a isso**, mas entra em contradição com a integração regional. Também os representantes do Chile que acompanham a reunião dos ministros da Economia e presidentes dos bancos centrais dos países do Mercosul querem pedir ao governo brasileiro uma revisão da medida.

Por ser este um trabalho integrante de um estudo maior, não demonstraremos aqui os exemplos que comprovam a atualização dos outros 9 (nove) critérios, o que será feito em estudo posterior. Mas importante ressaltar que a atualização de 75% dos critérios selecionados, conforme vimos, indica o alto grau de coesão, de conexidade da construção, revelando, conseqüentemente, alto grau de gramaticalidade e demonstrando que o verbo *chegar* atua como um auxiliar.

Também foi possível constatar, por meio de critérios sintáticos, a variabilidade do verbo *chegar* na construção. Do total dos dados analisados, em 76,7% o tempo verbal de *chegar* é o pretérito perfeito e em 23,7% é o presente; em 100% dos dados o modo verbal é o indicativo; e a pessoa do discurso mais recorrente é a 3ª do singular, com 76,7%, em seguida a 3ª do plural, com 14%, e a 1ª do singular, com 9,3%. Depreende-se que esses resultados obtidos pelos critérios sintáticos podem ser em virtude do gênero no qual foram buscados os dados de estudo, já que a notícia tem caráter predominantemente narrativo. Resultados mais conclusivos devem ser buscados em estudos que trabalhem com corpora maiores e mais diversificados.

5. Considerações finais

Este trabalho investigou a construção *chegar +(a) + V2* em dados oriundos do gênero notícia, retirados aleatoriamente do Corpus do Português, e possibilitou constatar, mediante análise dos critérios de auxiliaridade, que essa construção atua como uma perífrase e que seu grau de gramaticalidade é alto, atuando o *chegar*, neste caso, como um verbo auxiliar.

As análises aqui empreendidas não nos permitem apontar as marcações feitas pelo *chegar* na perífrase, mas hipotetizamos ser marcações aspectuais e/ou modais, sendo necessários estudos mais detalhados, em corpora mais representativos, numa abordagem diacrônica, para afirmações conclusivas.

Esperamos, contudo, termos contribuído para a compreensão do fenômeno de gramaticalização, no qual itens lexicais passam a desempenhar funções gramaticais, sendo esse processo de mudança influenciado por pressões internas e externas ao sistema.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Christiane Miranda Butchers de; OLIVEIRA, Maria José de. Gramaticalização do verbo PEGAR em construções perifrásticas [PEGAR + (E) + V2] – uma abordagem formal. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte/MG, vol. 18, nº 2, jul./dez. 2010, p. 135 – 164.

BYBEE, Joan. Mechanisms of Change in Grammaticalization: the role of frequency. In: JANDA, R. JOSEPH, B. (eds.) *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 602-623.

COELHO, Sueli Maria, VITRAL, Lorenzo. A gramaticalização de danar a, destampar a e garrar a + infinitivo e a expressão cumulativa de aspecto. *Caligrama*, Belo Horizonte, v. 16. n. 2, p. 177-198, 2011.

CUNHA, A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

FONSECA, Ana Maria Hernandes. *A perífrase verbal ir+infinitivo e o futuro do dialeto Riopretano: um estudo na interface sociolinguística / gramaticalização*. 174 fls. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São Paulo, 2010

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (orgs.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E.C. *Grammaticalization*. Cambridge University Press, 1993.

LEHMANN, Christian. *Thoughts on grammaticalization*. 2. ed. rev. Documentos de Trabalho do Departamento de Linguística da Universidade de Erfurt. July, 2002. ISSN 1612-0612.

LEITE, Amanda Jozy Paiva. Um estudo sincrônico do verbo pegar. *Cadernos de Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Ceará - funcionalismo em perspectiva*, Fortaleza, Ceará, Edição nº 3, 2011, p.33-46. Disponível em: http://issuu.com/linguisticaufc/docs/celufc_ed.especial. Acesso em: 01 de julho de 2013.

MARTELOTTA, M.E; VOTRE, S; CESARIO, M. M. *Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

NEVES, Maria Helena Moura. *A gramática funcional*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997

UM ESTUDO DO *PORTANTO* COMO MARCADOR DE CONCLUSÃO TEXTUAL

Cristina Lopomo DEFENDI (IFSP)⁷⁸⁷

Resumo: Apresento, aqui, parte de uma pesquisa maior que teve como objetivo fazer um levantamento e descrever as formas mais usadas para conclusão de um texto dissertativo-argumentativo. Como o item *portanto* foi o mais frequente como marcador conclusivo nas redações de vestibular e escolares, foi feita uma análise mais aprofundada desse item, passando pela etimologia, por pesquisa em dicionários e pelo levantamento de usos e funções em *corpus* diacrônico de textos diversos.

Palavras-chave: Conclusão textual. Marcador conclusivo. Portanto.

1. O contexto da pesquisa

O recorte proposto para este artigo é parte de minha tese de doutorado intitulada “*Portanto, conclui-se que*”: processos de conclusão em textos argumentativos⁷⁸⁸. Nela, tive como objeto de investigação as marcas de conclusão em redações escolares e como objetivos gerais descrever as construções linguísticas usadas para marcar a conclusão de um texto dissertativo-argumentativo do português brasileiro e analisar, pela perspectiva da Gramaticalização e da Cognição, a construção mais frequente.

A questão central a ser respondida é se, considerando que frequência de uso é importante para gramaticalização⁷⁸⁹, haveria alguma construção linguística preferencial para marcar a conclusão de um texto argumentativo. Sustenta essa questão a hipótese que, com base em um ensino prescritivo, espera-se haver uma marca de uso mais frequente na finalização de um texto argumentativo escolar e que ela seja resultado de processos cognitivos e de gramaticalização.

Como *corpus*, foram analisadas 500 melhores redações de vestibular da FUVEST⁷⁹⁰ (cem de cada ano, de 2007 a 2011). Com novas questões durante os desdobramentos da pesquisa, novos materiais de controle foram necessários. Foram também analisadas as 500 piores redações da FUVEST (cem de cada ano, de 2007 a 2011), para responder à questão se seria possível associar os tipos de marcas de conclusão a grupos de estudantes, ou seja, há diferenças de uso entre as melhores e as piores. Já para responder se há diferenças na produção textual (em relação à conclusão) de vestibulandos e estudantes do ensino médio, foram analisadas quase 200 redações de alunos de escolas públicas da cidade de São Paulo, sem a pressão do vestibular e sem a pressão avaliativa. Outro questionamento levantado foi se a inovação do uso de um item ou construção conclusiva ou a ausência de marcas de conclusão poderiam ser vistas como um índice de autoria, tendo por hipótese que o maior domínio da tessitura textual dissertativa liberta o escrevente de um modelo. Para tanto, foram analisados cem textos jornalísticos (editoriais e artigos de opinião).

⁷⁸⁷ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – *campus* São Paulo. São Paulo, Brasil. E-mail: crislopomo@uol.com.br

⁷⁸⁸ Tese defendida em março/2013 e disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-06052013-104720/pt-br.php>

⁷⁸⁹ Segundo Bybee (2010), o membro mais frequente serve como membro central da categoria e novas expressões tendem a se formar por analogia a esses membros mais frequentes.

⁷⁹⁰ FUVEST – Fundação para o vestibular da Universidade de São Paulo - USP

Por fim, quis também investigar se haveria correlação entre orientações didáticas e uso de marcas de conclusão em redações, tendo por hipótese que a atitude pedagógica de correção ou de reforço, além dos exemplos apresentados nos livros didáticos durante toda a escolarização, poderiam guiar a escolha do marcador de conclusão pelos alunos. Por isso, analisei também livros didáticos de Língua Portuguesa (LP) do ensino médio e manuais de redação e apliquei um questionário a professores de LP.

Nesse contexto, foi percebido que o *portanto* é um marcador típico de conclusão⁷⁹¹ e foi utilizado no(s) parágrafo(s) final(is) dos textos dissertativo-argumentativos das melhores redações da FUVEST em 33,2% das ocorrências de redações que fizeram uso de uma marca gramatical ou lexical de conclusão. Houve também uso expressivo nas piores redações (38,6%) e até mesmo nas redações escolares (18,7%).

Por isso, optei por aprofundar a análise do marcador conclusivo *portanto*.

2. *Portanto*, etimologia e acepções

O uso frequente do *portanto* permitiu considerá-lo o marcador típico de conclusão. Interessa-nos agora apresentar uma pesquisa mais aprofundada em relação a essa construção e a seu estatuto.

A pesquisa diacrônica seria bastante apropriada em casos como esses, porém não se pode recuar no tempo em busca de materiais similares ao gênero textual escolhido, a redação de vestibular, um texto que se torna comum a partir da segunda metade do século XX apenas. Por isso, optou-se pela referendação histórica em um *corpus* diacrônico amplo e variado em gêneros. Essa diversidade favorecerá o rastreamento da forma e do uso de *portanto* ao longo do tempo de modo a ser possível reconhecer as variações e as mudanças empreendidas por essa construção em situações comunicativas mais abrangentes.

A construção *portanto* é, conforme Nascentes (1966) e Cunha (1987), formada de *por* e *tanto*. Nascentes (1966, p.600) informa que *portanto* vem “de por e tanto, q.v. V. Abaixo”. O autor recomenda verificar a palavra “abaixo”, pois ela também é formada por processo de aglutinação. Já Cunha (1987, p. 407) traz a categorização (conjunção) e o valor semântico: “conj. ‘logo, por conseguinte’ XIV. De POR+TANTO”.

Com uma análise etimológica desses componentes, verifica-se que *portanto* traz como traços semânticos a noção de quantidade. Essa ideia pressupostamente pretérita da expressão por tanta quantidade pode ser, metaforicamente, usada com valor anafórico, ou seja, uma retroação à porção do texto já expressa. Assim, em um texto, principalmente argumentativo, *portanto* passa a ser usado como marcador de conclusão textual, o que lhe garante sinalizar a intenção de que o leitor tanto recue no texto para resgatar alguma informação (movimento anafórico) quanto sinalize o final de um raciocínio lógico que foi apresentado no texto.

Com a estratégia de consultar obras lexicográficas sincrônicas, pode-se completar o estudo etimológico via identificação de traço etimológico resiliente.

SÉGUIER ([1910], p. 902)	(de <i>por</i> e <i>tanto</i>). Por conseguinte, logo, em vista disso: <i>chove, portanto não saio</i> .
FREIRE (1957, p.4072)	<i>conj.</i> De <i>por</i> + <i>tanto</i> . Logo, por consequência, por isso, em vista disso. “Conheci que se empregaria a força se resistisse, dirigi-me <i>portanto</i> à capela” (Herculano). “Resolveu, <i>portanto</i> , seguir a vereda mais reta” (Rebêlo da Silva)

⁷⁹¹ Outras construções bastante frequentes (embora em número inferior ao *portanto*) foram: *assim, dessa maneira, dessa forma, conclui-se que, chega-se à conclusão, enfim, por fim, em resumo, em suma, logo, por isso, então*.

AULETE (1958, p. 4016)	<i>conj.</i> Logo, por consequência, por isso, em vista disso: “Conheci que se empregaria a força se resistisse, dirigi-me <i>portanto</i> à capela” (Herc.).F. <i>Por+tanto</i> .
FERREIRA (1999, p.1612)	[De <i>por + tanto</i>] <i>conj.</i> Logo; por conseguinte; conseqüentemente: <i>Seu carro está ruim, portanto não viaje nele</i> .
MICHAELIS (1998,1671)	<i>conj.</i> (<i>por+tanto</i>) Em vista disso, logo, por conseguinte, por isso.
HOUAISS e VILLAR (2001, p.2936)	<i>conj.</i> (s XIV cf. FichlVPM) <i>conj.concl.</i> introduz uma oração coordenada que contém a conclusão de um raciocínio ou exposição de motivos anterior; logo, por conseguinte, conseqüentemente, por isso, assim sendo, desse modo, pois (<i>ele não enviou o seu currículo, p. estará fora do concurso</i>). ETIM ist.. <i>Por + adj. tanto</i> ; f. ist... sXIV <i>portanto</i> , sXIV <i>portãto</i> , sXV <i>por tanto</i>

Quadro 1: Acepções de *portanto* em dicionários de LP

Nos dicionários de Língua Portuguesa, o elemento *portanto* é categorizado como conjunção, à exceção de Séguier (1910), que o categoriza como advérbio. Quanto ao valor semântico, contudo, nota-se a convergência de um dos sentidos: em todos os dicionários pesquisados, esse item é associado ao valor de “por conseguinte / por consequência”. Houaiss e Villar (2001), por sua vez, são os únicos que particularizam, afirmando que *portanto* é uma conjunção conclusiva que introduz uma oração coordenada. O traço etimológico de quantidade, mais básico, denuncia a foricidade como traço mais básico dessa expressão, por razões semântico-sintáticas (pondo em correlação dois lugares, ou duas direções de apoio referencial: o de retomada e o de encaminhamento seguinte), por razões textuais (combinando as relações de redundância com as relações lógicas), ou seja, o que já foi dito com o que se vai dizer; e por relações discursivo-pragmáticas (inferir sobre o que é informação compartilhada e sobre sua intenção no final do texto), ou seja, um exercício subjetivo combinado a um exercício intersubjetivo no texto dissertativo.

3. A referendação diacrônica do item *portanto*

Como já afirmado, por falta de documentação histórica, não será possível realizar uma pesquisa diacrônica guardando o mesmo gênero discursivo-textual, as redações de vestibular. Por isso, apresento a seguir o resultado de uma pesquisa diacrônica em *corpus*⁷⁹² de textos literários e documentos históricos e religiosos, tanto do PB quanto do PE, como forma de perceber as variações de forma, de uso e de acepções ao longo do tempo. Estou ciente das limitações desse tipo de análise, principalmente pelo fato de os dados derivados do *corpus* diacrônico do português serem da construção *portanto* operando entre orações e períodos e não no parágrafo final de um texto. Mesmo com essa limitação, imagina-se que os dados colhidos possam dar pistas de possíveis variações funcionais e mudanças na língua em uso à luz do item *portanto*.

Analizando detidamente os dados encontrados, notamos que alguns usos já coocorriam no português e seguem empregados ao longo dos séculos. Vejamos a distribuição a seguir.

⁷⁹² Davies e Ferreira (2006), *Corpus* do português. Convém ressaltar que estou ciente das limitações desse *corpus*, tal como comentado por Lehmann (2008): “Alguns textos estão contidos no *corpus* mais de uma vez; há discrepância, quanto ao tamanho dos subcorpora de cada século, entre os números indicados em páginas diferentes; muitas palavras corridas estão categorizadas erroneamente; há erros na reprodução da ortografia.” Mesmo assim, esse *corpus* se configura um importante material para o tipo de análise que se pretende aqui.

a) Parece ser uma expressão lexical equivalente a uma intenção detalhadora de um todo, como se fosse um partitivo do tipo *tintim por tintim*, corrente no século XX. A maioria das ocorrências com a expressão: “*tanto por tanto*”

*saluo se el quisesse uëder o direito que el auya ã esta cousa a outras pessõas que o faça primeiramët saber ao abade daquel moesteyro onde a el ouue & se el quiser dar por ela **tãto por tanto**. como outrë der. (Afonso X, séc. XIV)*

b) Advérbio quantificador intensificador de ação verbal, equivalente semanticamente a *muito*. Acompanha um nome substantivo que é um escopo impactado pela quantificação intensificadora

*HUû homeë comprou huû cauallo **por tanto** preço que se ho comprara por mais 1/3 do quarto do que lhe custou ho cauallo lhe custara.100. cruzados. (Gaspar Nicolau, séc. XVI)*

c) Advérbio entre intensificador e indefinido (“tudo”, ancorado ao que se compartilha no contexto, como uma informação episódica), empregado como sinalizador de algo que já foi dito e deve ser retomado, porém de modo indefinido, não exato. Ocupa uma posição sintática variável, destacando-se a intercalada na oração, como se fosse um expletivo. Prevê compartilhamento de informação, daí ter caráter fórico. Liga-se a dois tipos textuais historicamente: o narrativo e o dissertativo. No narrativo, conduz à consequência lógica do narrado e à retomada de fatos. No dissertativo-argumentativo, conduz à retomada de argumentos, à sinalização de consequências injuntivas a partir do que foi dito (provável raiz para as propostas de soluções), à sinalização das consequências lógicas a partir de argumentos apresentados e à sinalização de retomadas associadas ao raciocínio lógico.

c.1 Anafóricos consequenciais narrativos

*Assi mesmo soube el rey dõ Enrryque como el rey de Portugal tomara algûas naaos de Castella e as nõ querya ãtregar. E **por tãto** entrou logo ã Portugal e tomou as vilas d' Almeyda e de Pynhel e de Çolorico e de Lynhares. (Crônica Geral de Espanha, séc. XIV)*

c.2 Anafóricos narrativos

*Diz aqui Sã Jheronimo: Se animalhas que son de pequeno valor nõ vëë a terra que o Deus nõ sabha, vos que sodes perduravis nõ devedes temer nõ dovidar que ajades de viver sen a provison e sen a mercee de Deus. E **portãto** diz o filho de Deus no avãgelho: Non queyrades temer os que matã o corpo ca non podè matar as almas dos homês.(Livro das aves, séc. XV)*

c.3. Anafóricos dissertativo-argumentativos

*ou pellos peccados ou malliçias dos homeës que auõdan neestes dias Ca todo o mundo esta posto em mal **por tanto**. por que os dias som maaos entëdee que tal he a uõtade de deos Uicencio. (Gonçalo Garcia de Santa Maria, séc. XV)*

c.4. Anafóricos consequenciais injuntivos argumentativos

*por quanto somos ora emformado que se seguë muitas duuidas & demãdas açerqua do despedir dos capellães. **por tanto** queremos & ordenamos que da qui ã diante qual quer capelam que cãtar algûa ygreja & sua vontade for de ha nõ cãtar mays que aquelle anno que se espeça do abade ou seu procurador se o abade nõ for presente per dia de pascoa. (Dom Diogo de Sousa, séc. XV)*

c.5. Anafóricos consequenciais lógicos argumentativos

*Bendita Maria, aa qual nom faleceu humildade nem virgiindade, porque aquela que havia de conceber o Santo dos santos e parir fosse santa no corpo, **portanto** houve dom de virgiindade; e porque fosse santa na vontade, tomou o dom da humildade. (Livro de Vita Christi, séc. XV)*

c.6. Anafóricos lógicos argumentativos

*E porque os cães grandes son passeiros, **por tanto** son melhores que os piquenos que vam rijos.* (Dom João, séc. XVIII)

A presença de um contexto crítico que parece incorporar uma expressão fórica apelando para a informação episódica compartilhada, retomando-a, chamou a atenção por rememorar algumas escolhas dos vestibulandos da FUVEST. Nesses casos, são combinados um elemento anafórico e um item lexical verbal (*concluir*), provavelmente o que abre a condição para que *por tanto* se especialize como um marcador de conclusão finalizadora nos dados mais recentes do português. O exemplo é o seguinte:

*E **por tanto** concludio, que a boa molher he joya a melhor que o homẽ pode ter, & eu isto tenho para my, ca da hũa das senhoras que isto ouuirem folguẽ de ser para os maridos & para Deos como esta foy.* (Gonçalo Fernandes Trancoso, séc. XVI)

O levantamento e a organização dos dados indiciam raízes da evolução da construção *portanto* no português histórico. Adicionalmente referenda as funções identificadas nas redações dos vestibulandos ao mesmo tempo em que confere coerência ao comportamento, por vezes, considerado caótico pela combinação de estratégias.

Concentrando-se somente nas funções em correlação com os séculos em que foram empregadas, chega-se ao seguinte resultado:

PORTANTO (nas grafias: <i>portanto</i> , <i>por tanto</i> , <i>portãto</i> , <i>por tãto</i>)		
Séc.	Tokens	Valores semânticos
Séc. XX	3803 ⁷⁹³	Advérbio quantificador intensificador Advérbio intensificador-indefinido
Séc. XIX	1164	Advérbio quantificador intensificador Advérbio intensificador-indefinido
Séc. XVIII	88	Advérbio intensificador-indefinido (anafórico)
Séc. XVII	64	Advérbio quantificador intensificador Advérbio intensificador-indefinido
Séc. XVI	433	Advérbio quantificador intensificador Advérbio intensificador-indefinido Contexto crítico incorporador do verbo <i>concluir</i>
Séc. XV	331	Expressão lexical partitiva Advérbio intensificador-indefinido
Séc. XIV	58	Expressão lexical partitiva Advérbio intensificador-indefinido

Quadro 2: *Portanto* (em diferentes grafias) no corpus diacrônico

Num exercício preliminar de organização das capacidades cognitivas mais concretas (à esquerda), que dariam origem ou serviriam de motivação para que funções mais abstratas pudessem emergir (à direita), notamos uma coerência na distribuição diacrônica. Algumas funções intermediárias nem sempre são apresentadas, mas hipotetizamos que isso se deve ao tipo textual mais estrito, nem sempre passível de controle à medida que os séculos são recuados no tempo.

No que tange aos gêneros, similar problemática exige cautela. É certo que gêneros textuais surgem ao longo do tempo e, nesse sentido, o século XX, com a industrialização e, depois, com o avanço tecnológico, apresentaria um espectro mais denso quanto a esses gêneros, ainda que a tipologia poderia estar disponível há muito tempo aos usuários da língua, ainda que em roupagens sociais (gêneros) diversas. A despeito disso, não houve meios de controlar a distribuição dessas informações em correlação com a escolha do texto.

De todo modo, as funções de intensificador, de anafórico e de conclusivo, há muito tempo acompanham situações de comunicação linguística:

⁷⁹³ Não foi feito o levantamento quantitativo de ocorrências de cada um dos valores semânticos.

→ retomada

anafórico → → conseqüencial → **conclusão narrativa (desfecho)**
 → **injuntivo**
 (proposta de solução)

→ **lógico**

Continuum: Evolução histórica da construção *portanto*

4. Considerações finais

Esses resultados permitem referendar alguns dos usos encontrados nas redações da FUVEST e nos demais materiais de controle. Por serem exemplos de uso extraídos de porções textuais não restritas à posição final, há uma variedade maior de usos para a construção *portanto*: partitivo, conclusivo, anafórico, intensificador, indefinido e conseqüencial. Não posso, a despeito das limitações inferenciais justificadas, furtar-me à obrigação de sinalizar que essa manutenção funcional e recorrência contextual certamente dizem muito mais sobre a evolução histórica de uma função a partir da outra (gramaticalização) do que a prudência nos impede de afirmar. Essa é razão suficiente para que outros estudiosos interessados exclusivamente na evolução dessa construção refaçam a pesquisa, porém controlando gêneros discursivo-textuais e também a relação entre frequências *type* e *token*.

Outro fato referendável é que todas as línguas compartilham a ideia de que a conversa tem um começo e um final, e que existem marcas sociais para sinalizá-las linguisticamente, como o cumprimento e a despedida, como a introdução e a conclusão, dentre outras, porém todas presas a gêneros discursivos.

Isso permite reconhecer que os modelos adotados para os registros textuais baseiam-se, em maior ou menor grau de semelhança, aos traços das conversas sociais. No caso do texto argumentativo, há que se contextualizar a discussão e propor um subtema para a argumentação, que será desenvolvida na sequência. Mas ninguém pode encerrar o texto dissertativo-argumentativo sem adotar uma estratégia que signifique para o leitor o encerramento da interação.

Sendo assim, fica aqui a contribuição que suponho ser um início de uma nova discussão no campo da evolução gramatical por gramaticalização: seriam as conversações espelhos e forças condicionadoras da gramaticalização de alguns marcadores textuais? Os dados analisados permitem afirmar que sim, mas não somente isso. Existe algo maior, uma repetição frequencialmente robusta de itens que são sugeridos para figurar na posição final de textos dissertativos escolares. Esses itens, associados a sua posição textual, teriam, ao longo dos séculos, consolidado um pareamento forma-função abstrato, que é adotado como ritual por todo aluno ao ser imbuído da tarefa de dissertar: a de sinalizar suas ações de forma polida e colaborativa, tal como toda conversação educada deve ser.

Então, sinalizar é o papel do escrevente: sinalizar que já disse tudo o que pretendia, sinalizar que conhece a estrutura formal de um texto dissertativo, sinalizar que está elaborando seu raciocínio lógico, sinalizar suas pressuposições sobre o que o leitor conhece ou não e sinalizar que conhece as ferramentas gramaticais adequadas para todas essas sinalizações do processo de construção do texto.

Referências bibliográficas

AULETE, Caldas. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Delta, 1958.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.

CUNHA, Antonio Geraldo de. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

DAVIES, Mark and FERREIRA, Michael. *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*. 2006. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Nova Fronteira, 1999.

FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da Língua Portuguesa*. Vol. IV, 2º ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

HOUAISS, A., VILLAR, M.S; *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

MICHAELIS: moderno dicionário de língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico resumido*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1966.

SÉGUIER. Jayme de. *Novo dicionário encyclopedico luso-brasileiro*. Rio de Janeiro: [1910?]